

# JACQUES-RENÉ HÉBERT (O JORNALISTA DO *PÈRE DUCHESNE*) E O PROCESSO DA REVOLUÇÃO

Josemar Machado de Oliveira

Professor do Depto. de História da Universidade Federal do Espírito Santo

## **Resumo**

Este texto tem por objetivo discutir a participação de Jacques-René Hébert, autor do célebre panfleto periódico *Père Duchesne*, após a insurreição popular de 10 de agosto de 1792. Nessa discussão procuramos, fundamentalmente, estabelecer as relações de Hébert com o movimento seccionário *sans-culotte*, assim como a natureza de sua influência para a dinâmica cada vez mais radical da revolução.

## **Abstract**

The goal of this article is to discuss the participation of Jacques-René Hébert, author of the famous flyer *Père Duchesne*, after the popular insurrection August 10th, 1792. In this discussion, we specially tried to set the relations between Hébert and the sectional movement *sans-culotte*, as well as the nature of its influence in the even more radical dynamic of the revolution.

## **Palavras-Chave**

Jacques-René Hébert • *Père Duchesne* • Democracia revolucionária  
• *Sans-culotte* • Revolução Francesa.

## **Keywords**

Jacques-René Hébert • *Père Duchesne* • Revolutionary Democracy  
• *Sans-culotte* • Franch Revolution.

## I - Jacques René Hébert: “O Janus da Revolução”

Às vésperas de 1789, a liberdade de imprensa, no sentido jurídico da expressão, não existia em nenhuma parte na Europa (Godechot 1969: 405). Mesmo em países mais liberais como a Inglaterra e Províncias Unidas, jornalistas podiam ser encarcerados sob acusação de publicar escritos sediciosos. O caso Wilkes, na Inglaterra, é um bom exemplo. Com o desencadear do processo revolucionário, a situação na França tornou-se distinta. Ali operou-se uma verdadeira revolução jornalística. A revolução impôs, na prática, a liberdade de expressão e, o que é mais importante, abriu espaço para uma política de contestação da velha ordem. Desde o início, centenas de órgãos de imprensa vieram à tona<sup>1</sup>. Essa revolução, a dos periódicos, trouxe à tona a figura de Jacques-René Hébert, com seu célebre panfleto periódico o *Père Duchesne*. Ali Hébert encontrou seu espaço, vocação e fama. E foi essa revolução jornalística que o tornou personagem importante da outra, a Grande Revolução.

140

Talvez na história da imprensa nunca tenha existido uma identificação tão perfeita entre um autor e seu personagem. Hébert e sua criação, o *Père Duchesne*, transformaram-se, ao longo da Revolução, quase em uma simbiose. A ele e à sua criação se referem documentos e outros personagens da Revolução como se fossem a mesma coisa, ora sendo chamados simplesmente pelo nome de batismo, ora pelo do personagem, fazendo uma confusão deliberada ou não. Hébert é um pouco o Janus da Revolução (Manceron 1988: 274).

Jacques-René Hébert era originário de uma família da média burguesia artesanal de Alençon (Normandia), seu pai era *maître-orfèvre* (mestre ourives). Aos 23 anos de idade, após um processo jurídico de natureza passional, cujo desfecho exauriu parte significativa de seus recursos veio parar em Paris. Era o ano de 1780. A década foi para ele, em boa parte, um período obscuro, e os historiadores encontraram poucas referências a seu respeito (Soboul 1970 e Braesch 1928).

<sup>1</sup> Essa enxurrada de órgãos de imprensa chega mesmo a ter situações pitorescas, a ponto de um panfleto se chamar *Encore Un!* (Braesch 1928: 53).

Entre 1786 e 1788, encontramos-lo trabalhando no *Théâtre de Variétés amusantes* de Gaillard, como *controleur de contre-marques*<sup>2</sup>. Foi aí que, com certeza, teve contato com o personagem *Père Duchesne*.

No fim de 1789, a revolução jornalística já tinha alcançado sua plenitude. É nesse contexto que Hébert encontrou uma saída para suas dificuldades, pois estava sem trabalho. Em janeiro de 1790, foi aconselhado por um amigo médico, Boisset, a escrever para viver. Acatando esse conselho, Hébert iniciou a carreira que iria transformar radicalmente sua vida. Aparece, assim, sua primeira publicação conhecida, a *Lanterne Magique* (Walter 1946: 28).

Seu segundo passo na carreira jornalística foi a seqüência de publicações, em tom satírico, que teve no representante-símbolo do monarquismo conservador, o abade Maury, sua “vítima”. O título era *Petit Carême de l’abbé Maury ou Sermons prêches à l’Assemblée des enragés*. Esses opúsculos, com títulos de sermões, lembravam, no estilo, a prédica religiosa, uma moda recente de copiar títulos religiosos ou uma forma de discussão polêmica (Walter 1946: 31). Estamos então no primeiro semestre de 1790. No segundo semestre desse ano, Hébert criou o periódico *Père Duchesne*, que só teve fim com sua morte, quando foi executado em 24 de março de 1794.

Um *déclassé* como Jacques-René Hébert não poderia participar como personagem importante da cena revolucionária da mesma forma que os integrantes burgueses do Terceiro Estado, na altura em que se iniciou na carreira de escritor. A vida de dificuldades que tinha levado em Paris há tempos o afastara dos integrantes de sua classe. A época em que trabalhou no teatro de variedades lhe permitiu uma sobrevivência mais digna. Mas sua saída intempestiva desse trabalho o lançou de novo numa vida de dificuldades. Assim, quando começou a escrever, suas condições financeiras com certeza não lhe permitiam cumprir as exigências do censo eleitoral para ter acesso às eleições e aos cargos eletivos.

---

<sup>2</sup> Funcionário cuja função é controlar o bilhete (*contre-marques*) entregue àqueles que se ausentam no entre-ato de uma representação, a fim de que eles tenham o direito de retornar aos seus lugares.

Utilizar seu talento recém-descoberto de escritor em um periódico que não tivesse nada para distingui-lo das formas e estilo das centenas de jornais e panfletos que existiram até aquela altura da Revolução talvez não atraísse sobre ele a fama necessária para lhe dar o lugar que sua ambição almejava<sup>3</sup>. Outro foi o caminho buscado por Hébert. O homem que, segundo Braesch, no ano II rivalizaria com Robespierre, encontrou seu lugar ao sol ao “disfarçar” o talento de escritor político num personagem popular, transformando o *marchand de fourneaux* em personagem de periódico<sup>4</sup>.

## II - O Pai Duchesne: "O Homero do chulo"

O *Père Duchesne, marchand de fourneaux*, era no teatro popular do fim do século XVIII uma espécie do que hoje em dia na França é representado pelo *Guignol*<sup>5</sup>. O personagem era caracterizado como um ex-militar de grandes bigodes, permanentemente fumando seu cachimbo, figura do teatro de feira parisiense que se apresentava junto às da *comedia dell'arte* (Polichinelo, Arlequin). Ele foi utilizado como personagem pela imprensa revolucionária já em 1789. No ano anterior, precisamente em fevereiro, foi editado um conto cujo título era “*Le Voyage du Père Duchesne à Versailles*”.

No momento da reunião dos Estados Gerais apareceram outras publicações isoladas que levaram o nome *Père Duchesne*, inclusive a de Antoine Lemaire. Segundo Godechot (1969: 457), em setembro de 1790, teve início uma guerra de propaganda para ganhar as massas através de uma série de jornais populares, dentre eles alguns *Père Duchesne*. Mas foi Lemaire, autor das *Lettres boubrement patriotiques du*

<sup>3</sup> Outra será a situação quando pedir à Assembléia o direito de ter um local em suas dependências para poder acompanhar suas sessões e noticiá-las no seu *Journal du soir, sans réflexions*. Este jornal tem as mesmas características, em termos de estilo, dos jornais tradicionais da Revolução, como *Le moniteur*, por exemplo.

<sup>4</sup> Escreve Braesch (1928: 85): “Partindo do nada, sem empregar nenhum dos meios regulares que tinham levado ao poder todos os outros homens políticos, nem orador, nem deputado, não tinha conquistado outro mandato que o lugar secundário de segundo substituto do procurador da comuna de Paris, ei-lo, no ano II, que rivaliza com Robespierre.”

<sup>5</sup> Teatro de marionetes onde se encenam peças cujo personagem é o *guignol* (fantoche).

*véritable Père Duchêne* (sem s), cujo primeiro número saiu em 2 de setembro, quem disputou com Hébert a criação de um tipo de publicação que, além de levar o nome *Père Duchesne* como outras publicações aparecidas até então, diferenciava-se dessas por ser uma publicação regular e por não ser uma folha volante. O jornal de Hébert saiu quatro dias mais tarde, 6 de setembro. Ainda a 12 de setembro, outro *Père Duchesne* foi publicado – o do abade Jumel.

Não se sabe ao certo qual desses jornalistas teve a primazia na utilização do título *Père Duchesne* em um panfleto periódico. Todos os estudos apontam para Lemaire e Hébert. Porém, a despeito das datas dos *Père Duchesne* regulares indicarem Lemaire como o primeiro a se utilizar desse título neste tipo de panfleto, diversos autores, François Braesch (1928) e Gérard Walter (1946) entre eles, afirmam que a hipótese mais provável é que tenha sido Hébert o primeiro a fazê-lo. A razão para essa afirmativa se apóia no estilo e na linguagem dos *Père Duchesne* isolados, publicados anteriormente às datas dos *Père Duchesne* regulares, que guardam muita semelhança com o estilo e a linguagem do *Père Duchesne* regular que Hébert passaria a publicar.

O jornal *Père Duchesne* de Hébert, como o *Ami du Peuple* de Marat, eram panfletos periódicos, distintos do jornal de informação, já que nos dois primeiros uma só pessoa redigia inteiramente a publicação, o último tinha quase a infra-estrutura de um jornal moderno, sendo feito por vários jornalistas em funções especializadas (Godechot 1969: 440). O periódico de Hébert era vendido a dois *sous* (um vigésimo de libra) e tinha uma periodização de três números por semana. Seu formato in-16 continha oito páginas. Sua tiragem era em torno de 40.000 exemplares<sup>6</sup>.

O panfleto periódico de Hébert possuía um conteúdo discursivo teatral “... em razão de sua semelhança com o discurso cênico do teatro, da feira e do bulevar do fim do século dezoito” (Elyade 1991: ii). Esse discurso teatral retratava o linguajar

---

<sup>6</sup> Esse número foi apurado para a série entre julho de 1793 e março de 1794 e é um dado fornecido pelo mais importante estudioso atual do *Père Duchesne*, Jacques Guilhaumou (1986: 143).

de La Rapée<sup>7</sup>. Daí o recurso utilizado muitas vezes de o personagem fazer visitas imaginárias aos homens importantes da Revolução, com os quais estabelecia colóquios. Neles, e quando analisava os fatos da Revolução, o *grand marchand de four-neaux* tratava todos os personagens da Revolução sem cerimônias, como cidadãos de uma república fariam, como iguais<sup>8</sup>, fossem eles grandes políticos do momento ou integrantes da realeza. Seu linguajar era desabridamente popular, descendo regularmente ao falar chulo e somando-se aos freqüentes *jurons* (blasfêmias).

O que explica o sucesso do *Père Duchesne* não é “exatamente a linguagem (encontram-se na época folhas muitas mais grosseiras e chulas) mas é a verve, a *mise en scène*.” Assim, é como se o leitor da época estivesse diante das cenas das

... paradas dos teatros de feira. Os leitores ficam felizes em encontrar as cabeças de Turco habituais, e também os interlocutores tradicionais do *Père Duchesne*, Jacqueline, sua esposa (a mãe Duchesne), o general La Pique, Jean Bart, o companheiro Mathieu, o bom homem Gérard, o terrível sapador Rocher. Eles lêem com prazer os provérbios populares, que abundam a folha, os refrãos das canções célebres, *a bela aventura ô gué! Manon Frelu, O cão de Jean Neville, Cadet Roussel* (Godechot 1969: 459).

144

A utilização desse estilo *grivois* (chulo) tinha a intenção de colocar o panfleto de Hébert “... ao alcance dessa classe pouco instruída do povo que não poderia compreender verdades importantes se elas não estivessem enunciadas com expressões que lhe são particulares...” (Brunet 1858: 53). É assim que, atraído por este aspecto *grivois* do panfleto de Hébert, o historiador da língua francesa Fernand Brunot, num tom de menosprezo, classificou Hébert de o *Homère de l’ordure* (Homero da imundície) (Walter 1946: 303). Segundo este autor

...desta imagem chocante, de aparência tão paradoxal (...) desprende-se um traço de luz que esclarece melhor que longas dissertações o papel e o lugar que

<sup>7</sup> Cf. a citação dos Goncourt abaixo.

<sup>8</sup> Note-se o significado essencial desse tratamento “republicano” numa sociedade em que as lembranças do Antigo Regime ainda estavam frescas na memória.

ocupa [Hébert] na imprensa revolucionária. O “chulo” do qual Hébert se constituiu o Homero não é somente de natureza lingüística. É toda a ignomínia acumulada em quatro anos de crise política, social e moral sem precedente, que ele mistura em seu jornal. Todas as vilanias, todas as baixas paixões, todos os arranjos, todas as traições que sujam a Revolução Francesa, ele as expõe impiedosamente à luz do dia (*Idem*: 303).

Outro aspecto do panfleto de Hébert eram os sumários, característicos dos jornais populares revolucionários, mas que no *Père Duchesne* possuíam um efeito todo especial. Seu formato era constituído por apóstrofes rápidas e breves, de fácil comunicação pelos *crieurs* e imediatamente captadas pelos passantes. Cada número abria com um breve sumário no qual era enunciada a opinião sobre um acontecimento momentoso da Revolução. Essa sumarização tinha a forma exclamativa, dividida em duas partes: a primeira se iniciava, quase invariavelmente, com as famosas expressões: *grande colère* (grande cólera) e *grande joie* (grande alegria) do *Père Duchesne*; a segunda freqüentemente com “*ses bons avis*” (bom conselho):

LA GRANDE COLÈRE

du

PÈRE DUCHESNE

De voir que le savon de la blanchisseuse autrichienne, a rendu le traître Blondinet aussi blanc que la neige. Ses bons avis aux brave bougres de l’assemblée nationale, pour qu’ils montrent les dents au royalistes et aux feuellans et les empechent de laver la race veto avec une semblable lessive.

e

LA GRANDE JOIE

du

PÈRE DUCHESNE

Au sujet du siège de la menagerie royale et de la prise du château de Coblantz par les braves sans-culottes et les fédérés. Sa grande colère contre ce traître

VETO qui vient de jouer au roi dépouillé, et les bons  
avis qu'il donne à tous les braves bougres qui  
aiment la liberté de ne pas s'endormir dans la  
victoire<sup>9</sup>.

Os títulos com o *Père Duchesne* exclamando as grandes cóleras ou grandes alegrias alternavam-se de acordo com o conteúdo do sumário. Caso o conteúdo enunciasse um ato positivo, na ótica do *marchand de fourneaux*, tomado pela Convenção ou por algum personagem importante, o panfleto iniciava-se com a exclamação de grande alegria, caso contrário, iniciava-se com a de grande cólera.

Assim, através dessa forma e estilo, ele conseguia ser compreendido por aqueles que possuíam uma baixa escolaridade e, além destes, pelos que, não conhecendo “*ni A ni B*”, aguardavam ansiosos as leituras públicas de seu panfleto periódico nas sociedades populares e nos ateliês, prática muito difundida no momento em que o *Père Duchesne* atingiu seu zênite de popularidade, após a morte de Marat, no dia 13 de julho de 1793 (Soboul 1970: 7). Quando mais tarde divulgou um novo jornal de sua fornada, “*Les soirées de la Campagne*”, ele o definiu com a seguinte frase: “Jusqu’ici les journaux ont été rédigés en faveur de ceux qui savoient lire; le nôtre est destiné à ceux qui ne savent qu’écouter(...)”<sup>10</sup>. Definição melhor não se encontraria para o próprio *Père Duchesne*. Esses seus objetivos foram amplamente alcançados, pois a massa popular identificou-se profundamente com a forma desse panfleto, fazendo dele um grande sucesso, sucesso esse que nem os jornais de Jean-Paul Marat conseguiram alcançar.

146

<sup>9</sup> Le Père Duchesne. Nº 162, pg. 01 e Nº 163, pg. 01. Os dois sumários que apresentamos acima são significativos por que um é do dia 10 de agosto de 1792 e o outro do dia 13 do mesmo mês e ano. O primeiro continua uma seqüência das grandes cóleras que antecederam a insurreição do 10 de agosto e o segundo, uma grande alegria, demonstrando a satisfação com essa insurreição. Sobre os sumários dos jornais revolucionários ver Walter (1946: 295).

<sup>10</sup> Le Père Duchesne. Nº 290, pg. 07. [“*Até aqui os jornais foram redigidos em favor daqueles que sabem ler; o nosso é destinado à aqueles que só sabem escutar(...)*”]



Para concluir, quanto à questão de saber onde termina o personagem e onde começa o homem da vida real, ou seja, até que ponto Hébert pode ser identificado com seu personagem e vice-versa, acompanhamos a opinião apresentada por François Braesch, para quem o estilo do personagem do *Père Duchesne* e Hébert, criador e criatura, são duas coisas diferentes. A criatura existe para encantar, convencer o povo, o que não quer dizer que seu criador se comporte da mesma maneira, tenha os mesmos hábitos (Braesch 1928: 121). Ou seja, os comportamentos e hábitos do jornalista bem sucedido do ano I e do ano II são diferentes dos do personagem *Père Duchesne*.

Isso quanto à *mis en scène* de ambos. Pois quanto aos aspectos políticos, como já dissemos acima, o *Père Duchesne* funcionava como um disfarce para um escritor político. Nesse ponto é indiscutível que os conteúdos do *Père Duchesne*, suas idéias políticas, sejam também as de Hébert, sejam elas mais próximas do jacobinismo, como parece pensar Guilhaumou, ou mais próximas do *sans-culottisme*, hipótese na qual fundamentamos esse trabalho. Isso é mais evidente ainda se atentarmos para a distinção feita por Gérard Walter entre

o Hébert “em carne e osso”, magistrado municipal, orador dos clubes, que apenas é um militante de envergadura média, destes que se encontram muito a essa época, e o Hébert do *Père Duchesne*, reflexo fiel das cóleras do povo, de suas esperanças, de suas decepções. É o segundo que deve ser colocado na fileira dos grandes animadores da Revolução Francesa, que encarna mesmo seu espírito (1952: II, 1441).

À medida, portanto, que ficava claro para ele – e quem mais do que ele podia ter consciência disso? – que sua importância residia mais e mais na sua condição de autor do *Père Duchesne*, era natural que esta parte de sua personalidade acabasse por recobrir a outra e com ela entrar em simbiose. Conforme Gérard Walter (1946: 293), “durante três anos, Hébert viveu uma dupla vida. Ao fabricar-se uma segunda personalidade acabou por a ela se assimilar tão estreitamente que no decorrer do tempo seu verdadeiro **eu** se encontrou apagado diante da criação artificial a qual ele mesmo movimentava os cordéis”.

Assim, achamos que do ponto de vista das idéias políticas, quando citamos o *Père Duchesne* estamos citando Hébert e vice-versa. Ele mesmo parecia consciente

dessa fusão. No número 276, que saiu logo após sua derrota na eleição para o cargo de ministro do interior (a eleição ocorreu na sessão da Convenção do dia 20 de agosto de 1793), o *Père Duchesne* aparece comentando sua derrota para Paré, amigo e protegido de Danton, e atacando este último, supostamente responsável por sua derrota. É o *Père Duchesne* que comenta, mas foi Hébert quem foi derrotado.

### III - A visão da historiografia revolucionária sobre Hébert

Dentre os personagens da Revolução Francesa que tiveram uma ligação estreita com o movimento *sans-culotte*, com exceção de Marat, Hébert é o que possui uma tradição de estudos melhor sistematizada, estudos contínuos ao longo do século XIX e XX. Várias obras gerais sobre a Revolução lhe fazem menção razoável. Além disso, há uma série de historiadores que dedicaram-lhe biografias: Louis Duval, Charles Brunet, Paul d'Estrée, André Mater, François Braesch e, mais recentemente, Gérard Walter, Louis Jacob, Albert Soboul e Jacques Guilhaumou. Isso, tanto no que diz respeito ao personagem político quanto ao jornalista do *Père Duchesne*. Podemos citar alguns fatores para esse interesse por parte desses historiadores: a) a influência política maior que teve sobre os acontecimentos da Revolução devido à sua participação ativa em acontecimentos decisivos da Revolução, como o 10 de Agosto e 31 de Maio/2 de Junho; b) sua posição na administração da comuna como segundo substituto do procurador da mesma; c) a condição de redator do mais lido panfleto periódico da Revolução<sup>11</sup>.

Pode-se dizer que Jacques-René Hébert é o mais abominado dos personagens da Revolução. Sua reputação, mesmo entre seus estudiosos, não é nada boa. Dele, quase nada se viu com simpatia. Mesmo que excetuemos as opiniões daqueles que se chocaram com seu estilo “*grivois*”, o balanço não lhe é favorável. Até as opiniões dos que fazem uma abordagem mais objetiva parecem sempre encontrar um elemento

<sup>11</sup> Gérard Walter (1946: 79 e 314) considera o periódico de Hébert. “...o mais escutado pelo povo... e também“...o mais lido...”.

que questiona a “pureza” de suas intenções. Assim, se toma o lado dos patriotas, é para vender mais jornal; se, no bojo da radicalização democrática, adota idéias correntes, é por oportunismo; se fala em insurreição, é para tomar os cargos dos que estão no poder.

Um exemplo sintomático disso é a importante introdução biográfica de Albert Soboul à edição completa do *Père Duchesne*. Soboul não consegue escapar a essas ambivalências, quando, por exemplo, levanta a questão da campanha do *Père Duchesne* no verão de 1793: “como atribuir o que pertence a convicção e o que pertence à ambição?” (Soboul 1969: 28). Tal questão acaba por nortear a visão de Soboul sobre Hébert.

Em geral, os estudos sobre Hébert não conseguiram se eximir de ver em sua trajetória uma espécie de pecado original. A apreciação do nosso personagem foi, no mínimo, subjetiva<sup>12</sup>. Vai-se de um tom de leve desprezo a uma desabrida condenação. Assim Gérard Walter (1946: 7) constata:

O processo da Revolução Francesa continua. Desde cento e cinquenta anos, acusadores e defensores se debatem infatigáveis, obstinados. De uma geração à outra os julgamentos mudam, evoluem. Apoteoses apagam-se, reabilitações barulhentas se sucedem às condenações que parecem definitivas. Uma só entre essas sombras decapitadas citadas no tribunal da história continua invariavelmente enterrada no opróbrio e no desprezo: aquela de Hébert, dito o *Père Duchesne*.

149

Ao nosso ver a causa desse tratamento reside em três fatores: 1) a posição política assumida pelo jornal de Hébert; 2) seu estilo e 3) as leituras apressadas da trajetória de Hébert (ou não leituras, no caso do *Père Duchesne*).

A posição política assumida por Hébert explica, obviamente, a má-vontade com que o viram os estudiosos que se situam à direita na tradição historiográfica da Revolução. Segundo Pierre Nicolle (1947: 31),

---

<sup>12</sup> Assim, muito se vulgarizou a lenda de um Hébert sanguinário que, além de incitar à violência, a teria praticado em pessoa no momento dos Massacres de Setembro e, nestes, teria participado pessoalmente do episódio da execução da princesa de Lamballe. Esta acusação é amplamente refutada pelos estudiosos mais sérios de Hébert (Braesch 1928 e Walter 1946). Quanto à função simbólica desse episódio (Baecque 1998: 74).

os escritores de direita condenam todos às gemonias o adepto do culto da Razão, o corifeu da “Santa Guilhotina”, o ofensor de Maria Antonieta. Em compensação, para desacreditá-lo mais completamente, fazem do redator do *Père Duchesne*, e é no fundo normal, um tipo de extremista da mais perigosa espécie, maximalista, desorganizador, anarquista, ou melhor comunista, negando da maneira mais absoluta o direito do proprietário”.

Neste caso se incluem, majoritariamente, os trabalhos biográficos contemporâneos à Revolução e aqueles produzidos no século XIX. O trabalho inaugural dessa fase é a biografia anônima, “*Vie privée et politique de J.-R. Hébert*” (Jacob 1960: 9), que veio a público logo após a morte de Hébert, cujo tom oportunista é de condenação, fazendo coro com a ditadura robespierrista.

Esta obra criou uma tradição, pois, a partir dela, iniciou-se uma seqüência de trabalhos cujo tom é o mesmo, sempre de condenação velada ou explícita à atuação de Hébert. Entre eles, podemos citar André Mater (1888), Louis Duval (1887), Paul d’Estrée (1912). Em geral, esses autores citados se situam entre aqueles da direita de que fala Pierre Nicolle. Porém, o que faz com que dispensem a Hébert o mesmo tratamento aqueles que são *pour la Révolution*? A resposta a essa pergunta encontra-se nos dois últimos fatores listados acima.

Ao usar o panfleto periódico como meio de se inserir na cena política da Revolução, Hébert não estava fazendo nada de novo. Importantes personagens da Revolução fizeram uso direto ou indireto da imprensa para marcar posição frente aos acontecimentos ou simplesmente se promoverem<sup>13</sup>. Porém, no caso de Hébert, seu estilo de jornalismo se diferencia de todos os outros revolucionários que fizeram uso do jornal. Aí reside um outro elemento chave para responder nossa questão. Ao se utilizar, em suas próprias palavras, de um estilo “*grivois*”, cru, para revestir sua análise dos acontecimentos da Revolução, Hébert chocou tanto aqueles que foram seus contemporâneos, e muitas vezes vítimas desse estilo, quanto os que, no século

---

<sup>13</sup> E quantos destes não pensavam como Élysée Loustallot que, conforme Michelet, considerava o jornalismo “como uma função pública, um tipo de magistratura” (Michelet 1952: 240).

XIX, apenas tiveram no personagem seu objeto de investigação. Todos eles, seus contemporâneos e os autores do século XIX, viviam em um ambiente de costumes que torna compreensível a dificuldade de lidar com os textos desse jornal. Chamar Maria Antonieta de “*putain*” ou pontuar seu texto com palavrões, prática característica do *Père Duchesne*, pareceu excessivo para muitos que o investigaram.

Entre as obras de Pierre Paganel e François Braesch, existe apenas uma única exceção a esse tom predominante. No Segundo Império, Gustave Tridon (1864), futuro comunardo de 1871, escreveu uma apologia sobre o autor do *Père Duchesne*, a começar pelo título: “*Plainte contre une colomnie de l’histoire*”. Essa obra lhe valeu a estadia, por alguns meses, em uma prisão do Segundo Império. Segundo Soboul (1970: 5), Tridon fez uma tentativa inábil de reabilitação de Hébert e valeria mais a pena para o estudo do *Père Duchesne*, na mesma época, a obra escrita por Charles Brunet. Somente o século XX verá aparecer um trabalho biográfico mais próximo da objetividade. Será a obra de François Braesch.

Uma “revolução” nas pesquisas sobre Hébert e o *Père Duchesne* aconteceu quando veio a público, na década de 1920, o trabalho erudito de François Braesch (1928). O historiador da Comuna Insurrecional do 10 de Agosto foi pioneiro no trabalho de identificar, entre os diversos jornais que levaram o título de *Père Duchesne*, os que eram de autoria de Hébert, assim como fez uma edição moderna desse panfleto periódico que, infelizmente, só foi até o número oitenta e três. Além desse trabalho de organização de dados, Braesch fez algumas análises bastante sóbrias sobre Hébert<sup>14</sup>. No tocante às concepções de Hébert sobre propriedade, trabalho, etc., a avaliação de Braesch refuta as conclusões de Mater a respeito do *Père Duchesne*. Mater, sem entrar em detalhes, situava Hébert na linha direta dos antecessores do babovismo, das idéias comunistas ou anarquistas. Em oposição à essa visão, Braesch afirma que a república de Hébert é, certamente, *sans-culotte*, o que significaria uma defesa da propriedade, do governo, o contrário do que pensava Mater.

---

<sup>14</sup> Segundo Pierre Nicolle (1947: 2), Braesch adotou uma posição média no debate sobre a obra de Hébert.

A mesma disposição frente a Hébert que encontramos em geral em suas biografias repete-se nas narrativas clássicas da Revolução. Nem mesmo um dos grandes nomes da historiografia do século XIX, Jules Michelet, em sua *Histoire de la Révolution Française* (1847), conseguiu escapar ao tradicional tratamento que é dispensado ao nosso personagem pela historiografia da Revolução. Assim, ele não destoa do tom pejorativo predominante. Justamente ele que, como afirma Gérard Walter (1952: 1441), para cada um “dos personagens, grandes e pequenos, encontrados ao longo de seu passeio através da Revolução Francesa, Michelet teve motivos para afeição e indulgência. Hébert foi o único que não pode encontrar graça junto a ele e que ele não cessou de cobrir de opróbrio e desprezo.”

Em sua famosa caracterização dos integrantes da Comuna Insurrecional do 10 de Agosto, Hébert entre eles, Michelet (1952: 1003) não tergiversa, eles eram “pequenos escribas medíocres, naturezas baixas e amargas” e especificamente quanto a Hébert diz que, depois de ter trabalhado no teatro como “*vendeur de contre-marques* [o que é incorreto], tornou-se “horripelmente célebre sob o nome de *Père Duchesne*”. Quanto à função de Hébert como jornalista, ao mesmo tempo que reconhece a primazia de seu panfleto na imprensa popular, Michelet diz, ao falar dos jornalistas da Revolução:

Mas veja um que começa e que vai ultrapassá-los. Um pregoeiro dos teatros, Hébert, tem a feliz idéia de reunir em um jornal tudo o que há de servil, de palavras ignobéis, de pragas em todos os outros jornais. O esforço é fácil. Grita-se: “Grande cólera do *Père Duchesne!* – Ele é b... colérico, esta manhã, o *Père Duchesne!*” O segredo dessa eloquência, é de colocar f... de três em três palavras.<sup>15</sup>

Michelet, portanto, limita-se a se comportar diante do personagem Hébert à maneira assinalada pelos irmãos Goncourt, os quais aconselhavam não se deixar

<sup>15</sup> A propósito, especificamente dessa passagem, mas que serve para outras passagens de Michelet (1952: 534) acerca de Hébert, Gérard Walter (1946: 322) produziu uma fórmula brilhante, diz ele “o grande, o magnânimo Michelet que para melhor humilhar o *Père Duchesne*, se faz *Père Duchesne* ele mesmo”.

enganar-se pelo aspecto primeiro desses jornais, a seus b..., a seus f..., que não são, por assim dizer, que uma maneira de pontuação; superado o desgosto, você encontrará além dessas palavras de *La Rapée*, uma tática hábil, uma destreza voltada para o popular, uma capacidade de colocar a seu alcance teses governamentais, e proposições abstratas da política. Você encontrará com frequência um idioma de tom forte, intenso, vigoroso, rabelaisiano, servido em todos os momentos por termos cômicos ou grosseiros bem a propósito, um timbre justo, uma força de espírito notável, uma dialética concisa, um enorme bom senso direto e plebeu. Um dia virá no qual se reconhecerá espírito, originalidade, eloquência mesmo, talvez a única eloquência da Revolução, ao *Père Duchesne* e sobretudo a Hébert<sup>16</sup>.

Os Goncourt definem com precisão o papel de Hébert. Fica claro, a partir da citação acima, que, por trás do estilo do *Père Duchesne*, Hébert praticava sua função básica, de porta-voz popular. Para que se possa perceber tal função, é fundamental que consigamos ultrapassar seu estilo “*grivois*”. Só assim teremos uma compreensão mais próxima da verdade do papel exercido por Hébert e seu *Père Duchesne* durante a Revolução e poderemos identificar as “teses governamentais e as proposições abstratas da política” encontradas nesse panfleto ou, o que é nosso objetivo, definir os componentes que o identificam com o movimento democrático *sans-culotte*.

Assim como acontece com os robespierristas, os *enragés* (enraivecidos) e os babovistas, três dos grupos pertencentes ao lado esquerdo da Revolução, a continuação ou retomada de pesquisas sobre Hébert e os hébertistas muitas vezes esteve a reboque dos interesses políticos que estiveram por trás da historiografia da Revolução, sobretudo as diversas correntes de esquerda, sempre desejosas de encontrar seus ancestrais revolucionários. Queremos dizer com isso que muitas vezes este ou aquele personagem é (super)dimensionado, de acordo com a visão ideológica que se tenha sobre a Revolução e disso não é vítima apenas a esquerda<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Os irmãos Goncourt, Edmond e Jules Huot de, imortalizados pelo prêmio homônimo, escreveram uma “*Histoire de la société française pendant la Révolution*” (1854). É desta obra que Jacob (1960: 14) extraiu as frases citadas.

<sup>17</sup> No seio das interpretações “moderadas” da Revolução, é comum a caracterização da figura de Danton como “pai fundador”.

No caso de Hébert e os hébertistas, em certo momento, eles também foram vistos como os portadores da “verdadeira” revolução (Hobsbawm 1996: 55). Porém, esse não é o tratamento habitual dispensado a Hébert. As causas para isso são várias. Uma das principais é o fato de que as correntes historiográficas dominantes na pesquisa revolucionária, ligadas ao pensamento de esquerda, terem optado preferencialmente pelo robespierrismo em detrimento dos ultra-radicais da esquerda (*Idem*: 103). Além disso, sobretudo a partir dos estudos de Albert Mathiez, passou-se também a reprovar o fato de que Hébert e os seus companheiros não terem compreendido o suposto alcance social dos decretos do ventoso e continuarem a manter a oposição ao governo revolucionário naquele momento da Revolução<sup>18</sup>.

Se somarmos a isso as conseqüências que o estilo e a linguagem do *Père Duchesne* trouxeram para a caracterização histórica de Hébert, veremos aumentar a desvantagem comparativa do nosso personagem. Esse estilo, além de seu conteúdo, era a razão indiscutível para o sucesso que o panfleto fazia junto à massa *sans-culotte*. Apesar disso, durante a Revolução, é conhecido o desagrado que tal panfleto produziu nos setores moderados e até entre parcelas dos jacobinos radicais.

Outra questão importante é que, mesmo pertencendo à ala da Revolução que pretendeu levá-la às últimas conseqüências, Hébert não é o protótipo ideal do ancestral de um futuro socialista. Nesse aspecto, ele está em desvantagem em relação aos *Enragés*. A razão para isso residiria no fato de uma série de historiadores, a começar por Jaurès e Mathiez, criticarem sua incapacidade de elaborar um programa social<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur* (1927: 544 e sgs). Albert Soboul faz coro com Mathiez. Segundo Soboul, Hébert não compreendeu o sentido político dos decretos do ventoso, os quais eram uma aproximação do governo revolucionário com os patriotas avançados. Os comentários de Soboul a esses decretos se encontram em: Saint Just (1957: 152) É nesses decretos que está enunciado o famoso princípio de que só as propriedades dos patriotas são invioláveis

<sup>19</sup> “... ao contrário dos *Enragés*, [Hébert] não expõe nenhum programa social.” (Godechot 1989: 340). Estranha crítica ao autor de um panfleto periódico, cuja publicação é um órgão combativo – como é a característica dos panfletos – que deve acompanhar o cotidiano dos acontecimentos revolucionários, por não produzir um programa social coerentemente elaborado. Além disso, é duvidoso que mesmo os *Enragés* o tenham feito.



De qualquer forma, Hébert realizou uma clara opção pelo lado da radicalização do processo revolucionário, tornando-se, diga-se de passagem, um dos mais visíveis integrantes desse lado da Revolução, e, portanto, também sendo vítima da ira dos pesquisadores cuja posição ideológica era de negação desse legado revolucionário.

Todos esses fatores contribuíram para que a historiografia sobre Hébert não conseguisse precisar o real papel assumido por ele durante o processo revolucionário. Ambivalência parece ser a palavra-chave para caracterizar a natureza das pesquisas sobre Hébert/*Père Duchesne*. Assim, os estudos sobre Hébert mostram-no desde como um oportunista demagogo até chefe dos *sans-culottes*, esta última pouco significativa no conjunto das pesquisas sobre Hébert. Onde encontrar o ponto de equilíbrio para estudarmos um personagem tão polêmico? A resposta a essa pergunta parece estar ligada à condição de precisarmos sua função dentro do movimento popular durante a Revolução. É o que passamos a fazer a seguir.

#### **IV - Hébert chefe de partido, chefe dos *sans-culottes*, líder popular ou porta-voz popular?**

O corte ideológico do panfleto periódico de Hébert, isto é, a transformação do *Père Duchesne* moderado em um *Père Duchesne* democrático, portanto, em um dos porta-vozes da *sans-culotterie*, realizou-se já em 1791. Este corte nos parece fundamental para o entendimento do pensamento político de Hébert, além de ter sido a condição necessária para seu envolvimento na radicalização da Revolução e sua passagem de jornalista engajado para político atuante, no momento da preparação da Comuna Insurrecional do 10 de Agosto.

A partir desta data ele integrou os quadros institucionais revolucionários, sendo eleito para o cargo de segundo substituto do procurador da comuna. Tornou-se então figura constante nas várias etapas do processo revolucionário. Essa posição institucional, somada ao fato de que a partir do ano I seu panfleto periódico possuiu uma larga difusão popular nunca antes vista na imprensa da Revolução, a ponto de edições encomendadas chegarem a uma tiragem de centenas de milhares de exemplares<sup>20</sup>,

<sup>20</sup> Conforme Bertaud, (1988: 12) “o *Père Duchesne* de Hébert foi enviado às centenas de milhares de exemplares – recorde absoluto – aos diferentes exércitos da República graças a Vincent, secretário geral

reuniu em torno de Hébert um pequeno grupo de membros do funcionalismo revolucionário, seja da estrutura administrativa da comuna de Paris (Chaumette), seja do ministério da guerra (Vincent, Ronsin). Posteriormente esse grupo veio a ser chamado de hébertista.

A idéia tradicional acalentada pela historiografia da Revolução, além do rótulo “negativo” desenvolvido por esta historiografia, é que Hébert constituiu, junto ao grupo à sua volta, um partido: os hébertistas. É o que transparece, por exemplo, das análises de Jaurès (1924: 320) e de Mathiez (1927: 316). Essa idéia é amplamente contestada por outros historiadores. Assim, Denis Richet (1989) afirma: “como Georges Lefebvre lembrou, Hébert nunca foi chefe de partido, e só mais tarde se conferiu o nome de hébertista à tendência ultra revolucionária representada em 1793-94 pelos que foram chamados de *cordelier*”<sup>21</sup>.

Na verdade, pelo que se depreende da colocação de Richet, a maneira mais adequada para esclarecer a trajetória desses personagens é identificá-los como o “grupo *cordelier*”, reunião de membros do Clube dos *Cordeliers* que, em 1793-94, fizeram oposição tanto a antigos membros desse clube, como Danton e Desmoullins (os chamados indulgentes) quanto, timidamente, aos robespierristas – e no caso específico de Hébert e o seu personagem, bem antes dessa data. Eles foram o que se chamou, à época, de *exagerés*.

De qualquer forma, a palavra “partido” remete a um tipo de significado corrente em nossos dias, mas que durante a Revolução se encontrava ainda em um estágio embrionário, até porque qualquer tentativa concreta de constituir um partido encontrava uma barreira insuperável na mentalidade revolucionária, que via na cons-

---

do ministro da Guerra”. Michelet (1952: II, 528), a respeito do número de exemplares que teria alcançado o *Père Duchesne*, afirma: “Hébert, mestre e senhor da imprensa popular, podia em um momento dado lançar sobre a opinião golpes terríveis. Alguns de seus números tiveram a tiragem de seiscentos mil”.

<sup>21</sup> A passagem na qual Georges Lefebvre faz a afirmação citada por Richet encontra-se em *A Revolução Francesa*. (1966: 314). Guérin (1968) é da mesma opinião desses dois historiadores. Parece até que Richet cita Guérin e não Lefebvre, pois o primeiro diz: “*Hébert n’a jamais, à proprement parler, fait figure de chef de parti*” (Guérin 1968: 279).

tuição de facções e partidos um verdadeiro crime. Nesse sentido, os historiadores que analisaram a participação de Hébert a partir de uma suposta condição de chefe de partido apenas estão “acreditando” nos documentos, pois no momento da luta entre “velhos e novos *cordeliers*”, essa acusação é lançada de parte a parte, sendo retomada com mais desprendimento ainda pelo governo revolucionário. Assim, no número 331 do *Père Duchesne*, Hébert se defende da acusação que lhe fazem aqueles a quem ele chama de Chabotins e Philipotins dizendo: “On dit que je suis un chef de parti parce que je pense et je parle comme les véritables Sans-Culottes. Où est-il donc ce parti? qu’a-t-il fait?”, e quando o acusaram disso à época do seu julgamento ele voltou a negar tal acusação<sup>22</sup>.

Como consequência direta da idéia tradicional enunciada acima, mais recentemente surgiu uma interpretação que faz de Hébert não o chefe de um partido, mas algo mais amplo, o chefe dos *sans-culottes*. Este é o subtítulo do livro sobre Hébert de Louis Jacob (1960). Conforme o testemunho de Paganel, Jacob afirma que “chefe dos *sans-culottes*, [Hébert] pretendia colocá-los à testa do país, para dirigir... controlar sobretudo.” (Jacob 1960: 13) Mais abaixo, ao tratarmos de sua participação durante o processo revolucionário, veremos as objeções de Soboul sobre a *poussé hebertista*, que servem também para refutar essas conclusões de Louis Jacob.

Como quer que seja, era na condição de porta-voz popular que residia a importância básica de Hébert para a Revolução. Consciente ou não, Hébert sabia que, diante da pouca importância de sua função enquanto homem público, era através do seu panfleto periódico que poderia granjear uma posição de destaque na cena revolucionária. Diante disso, ele tentava alcançar essa

forma particular de mandato e delegação da autoridade que é a posição de porta-voz. Esta posição pode se autonomizar como tal em certas condições, quando agentes políticos não recebem seu mandato de uma eleição pelo escrutínio ou quando eles ultrapassam sua função em seu mandato. Uma posição de represen-

---

<sup>22</sup> Guérin (1968:279-280) [“Diz-se que eu sou um chefe de partido porque eu penso e eu falo como os verdadeiros Sans-Culottes. Onde está pois esse partido? o que ele fez?”].

tante é então ocupada essencialmente através de uma conduta de linguagem particular, onde uma demanda política é enunciada por um orador como tendo sua fonte no Povo” (Conein 1981: 153).

Nesse trecho, Bernard Conein trata dos porta-vozes que surgem no interior das seções, entre os quais se enquadram, à perfeição, os *Enragés*, mas que podemos extrapolar para o papel de Hébert durante a Revolução. Ele também nunca conseguiu exercer um cargo eletivo de real importância, mas soube criar uma linguagem particular, na qual foi capaz de enunciar demandas políticas que considerava ser o desejo do povo.

Assim, é a condição de porta-voz popular um dos elementos essenciais da carreira política de Hébert e que foi a base para uma tentativa de assumir um papel mais fundamental no movimento democrático, pois com o *Père Duchesne* ele se tornou a caixa de ressonância da voz das ruas e, enquanto tal, ponteou os momentos cruciais da Revolução com as “cóleras” e “alegrias” de seu *mar-chand de fourneaux*, que em boa parte nada mais eram que as cóleras e as alegrias da *sans-culotterie*.

158

A Revolução adquiriu contornos cada vez mais radicais a partir da fuga do rei em junho de 1791 e da fuzilaria do Campo de Marte, no mês seguinte. Essa radicalização aconteceu *pari passu* com um novo tipo de participação do povo na arena política. A partir de então, tal participação se deu num espaço institucionalizado, as seções. Todo esse processo constituiu o movimento democrático seccionário. O *Père Duchesne* acompanhou o processo de formação desse movimento.

Às vésperas da Revolução do 10 de Agosto de 1792, Hébert afirmava, por meio do *Père Duchesne*, que revolução era a “Revolução popular” e não a “Revolução moderada”. Assim, para ele a nação se confundia com os *sans-culottes* e estes eram os únicos que queriam ser livres:

Quand je dis la nation entière, j’entends les braves sans-culottes, car eux seuls veulent être véritablement libres et mourir pour la patrie, non, tous les jean-foutres de modérés, tous les viédases qui nâgent entre deux eaux et pissent le verglas,

dans la caniculent, ne font pas partie de la nation. Les gens riches ne sont que des soldats de parades, s'il ne sont pas des conspirateurs ou des traîtres.”<sup>23</sup>

A evolução do *Père Duchesne* dentro do processo de domínio das seções pela *sans-culotterie* foi caracterizada por uma transformação em seu vocabulário. Para designar as práticas que deveriam ser perseguidas pela Revolução, Hébert inventou um infinitivo *sans-culottizer* (sans-culottizar), ao mesmo tempo que passou a nomear todos os personagens que estavam do lado da Revolução com a palavra *sans-culotte*, inclusive os integrantes mais proeminentes do clube jacobino. Houve então um aprofundamento das concepções iniciais do discurso jacobino pelo discurso hébertista. No momento em que se aprofundavam as divergências entre brissotistas e robespierristas no seio do clube jacobino, a palavra “povo” recebeu um significado diferente para ambos os grupos. Na visão brissotista, “povo” significava o conjunto dos cidadãos: tratava-se do *populus* romano. Para Robespierre, “povo” tinha uma conotação social; não era o conjunto dos cidadãos, mas a parte menos privilegiada destes, ou seja, a *plebs*. Hébert precisou ainda mais a concepção robespierrista, deixando de lado a palavra “povo” para utilizar a expressão *sans-culotte* como aqueles que defendiam os verdadeiros princípios da Revolução.

A partir desse ponto comentaremos a atuação do Hébert/*Père Duchesne* nos momentos cruciais de instalação da república democrática.

Já antes do 10 de Agosto, o *Père Duchesne* assinalou com clareza sua tomada de posição frente à Monarquia e à Revolução. Às vésperas dessa data, o *Père Duchesne* explicitou o caminho que as ruas estavam desejosas de trilhar, ou seja, uma segunda revolução, exercendo exemplarmente sua função de porta-voz. Assim, dos números 159 ao 162, que antecederam o número que saiu depois do 10 de Agosto, o 163, há uma manifestação nítida desse desejo. Diz o *Père Duchesne*

---

<sup>23</sup> Le Père Duchesne. Nº 159, pg. 03. “Quando eu digo a nação inteira, eu entendo os bravos sans-culottes, pois só eles querem ser verdadeiramente livres e morrer pela pátria, não, todos os canalhas moderados, todos os idiotas que nadam entre duas águas e mijam a fina camada de gelo, na canícula, não fazem parte da nação. As pessoas ricas apenas são soldados de parada, se não forem conspiradores ou traidores.”

Nous voilà au premier chant des matines, foutre, aussi peu avancés, et peut-être moins qu'au commencement de la révolution: nous avons cru que celui qui avoit été roi pourroit devenir citoyen (...).<sup>24</sup>

Le vin est tiré, il faut le boire foutre. Il faut juger Louis XVI, le déclarer déchu de la royauté, comme traître à la nation, comme chef des brigands qui veulent nous égorger(...).<sup>25</sup>

Où sont donc les droits sacrés et imprescriptibles du peuple? Nous sommes donc plus esclaves que les turcs, car lorsque le Sultan nes les rend pas heureux, quand il les accable d'impôts, quand il les a ruinés par une guerre injuste, la tête du grand seigneur ne pese pas une once. Oui, foutre, les peuples les plus esclaves savent se défaire des mauvais rois (...).<sup>26</sup>

Essa identificação do *Père Duchesne* com o movimento democrático do 10 de Agosto teve como consequência a entrada de Hébert para a estrutura do poder revolucionário, pois, nesse momento, passou a exercer o cargo de Segundo Procurador da Comuna de Paris. A partir daí, sua trajetória revolucionária também foi condicionada por essa posição institucional.

160

Sua posição política a partir de então tornou-se ainda mais bem definida. Durante sua participação na Comuna Insurrecional do 10 de Agosto, que se manteve funcionando até dezembro de 1792, e após sua dissolução, Hébert passou a fazer uma oposição sistemática aos brissotistas e girondinos em geral, fato que culminou com sua prisão em maio de 1793, junto com a de Marat, pela Comissão dos Doze.

Assim, Hébert participou de corpo e alma em outra data fundamental da Revolução popular, a queda dos girondinos no 31 de Maio-02 de Junho. Os historiadores

<sup>24</sup> Le Père Duchesne. Nº 161, pg. 01-02. [“*Eis-nos marcando passo, porra, tão pouco avançados, e talvez menos que no começo da revolução: nós acreditamos que aquele que tinha sido rei poderia tornar-se cidadão(...).*”].

<sup>25</sup> Le Père Duchesne. Nº 162, pg. 01-02. [“*Não se pode recuar. É preciso julgar Luís XVI, declará-lo deposto do seu trono, como traidor da nação, como chefe dos bandidos que querem nos degolar(...).*”]

<sup>26</sup> Le Père Duchesne. Nº 161, pg. 03-04. [“*Onde estão pois os direitos sagrados e imprescritíveis do povo? Nós somos mais escravos do que os turcos, pois quando o sultão não os faz feliz, quando ele os cumula de impostos, quando ele os arruina por uma guerra injusta, a cabeça do grande senhor não vale um centavo. Sim, porra, os povos mais escravos sabem se desfazer dos maus reis(...).*”]

são unânimes em destacar sua importância no sucesso desse levante. Neste momento, Hébert não só funcionou como porta-voz das ruas ao atacar os girondinos, coisa que fez poucas semanas a partir do 10 de agosto<sup>27</sup>, como, já tendo uma importância notável enquanto agente dos acontecimentos, também ajudou a modificar os rumos da Revolução. François Braesch chega mesmo a afirmar que a Revolução de 31 de Maio-2 de Junho foi em grande parte obra de Hébert: seu discurso à Maison Commune no dia 28 de maio teria convocado o povo à insurreição (Braesch 1928: 105).

Jean Jaurès tem a mesma opinião, assinalando a importância política de Hébert no momento em que a Revolução se radicalizou. O autor da *Histoire Socialiste*, ao comentar a prisão de Hébert a mando da Comissão dos Doze, constata: “(...) é esse ato de violência contra o melhor defensor dos *sans-culottes*, contra aquele que se fez, na imprensa, o inimigo da aristocracia, que provocou a insurreição do 31 de maio e do 2 de junho” (Jaurès 1924: 173).

No tratamento histórico da participação de Hébert após a queda dos girondinos, Albert Mathiez (1987: III) introduziu uma diferenciação em relação aos historiadores que vieram antes dele, sobretudo com respeito às narrativas históricas de Michelet e Jaurès. Tanto Michelet, em meados do século passado, quanto Jaurès, no início deste, deram um espaço significativo a Hébert em suas longas narrativas da Revolução, sobretudo no episódio das jornadas de setembro de 1793. Porém, Albert Mathiez caracterizou essas jornadas como uma *poussée* (pressão/impulsão) hébertista. Hébert, portanto, passaria da condição de porta-voz à condição de líder popular.

Em sua obra *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur* (1927), Albert Mathiez deu talvez sua maior contribuição ao estudo da Revolução e, em particular, ao conhecimento dos revolucionários mais próximos do movimento popular, Hébert e os *Enragés*, quando tratou do problema da carestia durante a Revolução. Tanto nessa obra como em sua já citada síntese da Revolução, Mathiez caracteriza as jor-

---

<sup>27</sup> Já no número 184 (pg. 04) ele questiona Roland, um dos próceres girondinos: “*Devrais-tu donc avoir d'autre parti que celui du peuple?*”.

nadas do início de setembro de 1793 como um movimento capitaneado pelos hébertistas, a acima citada *poussée hébertiste*. Segundo Mathiez, o caráter hébertista dessas jornadas se manifesta nas medidas então tomadas pela Convenção: entrada no Comitê de Salvação Pública de Billaud-Varenne e Collot d'Herbois, identificados por ele como representantes desse grupo; adoção por parte desse comitê do programa de guerra à *outrance* do hébertismo e outras.

Diz Mathiez (1938: II, 52):

Assim a pressão hébertista não teve por único resultado colocar o terror na ordem do dia, de organizar a vigilância e a repressão permanentemente pela lei dos suspeitos, de obter a votação das taxas (do máximo) reclamada pelos sans-culottes, de organizar o exército revolucionário para arrancar as subsistências aos cultivadores, mas também ela deu ao governo revolucionário uma impulsão vigorosa.

Os conteúdos básicos desse programa já tinham sido expostos pelos *Enragés*. Hébert, junto com integrantes da Convenção montanhesa, entre eles os robespierristas, a ele já se tinha oposto. Qual a razão para sua mudança? Segundo Mathiez, Hébert evolui. Ou seja, ele vai ao sabor da corrente política. Assim, Mathiez vai encontrar em supostas motivações “interesseiras” as razões para que Hébert, logo após ter se oposto ao programa social dos *Enragés*, passe a adotá-lo. Retomando uma explicação jaressiana, Hébert tinha, entre outros interesses, o desejo de usar a pressão popular para alcançar postos no governo, aumentando assim a tiragem de seu panfleto periódico.

Soboul tem uma explicação semelhante à de Mathiez, ao afirmar que Hébert, diante da movimentação popular, não poderia deixar de marcar posição, ao mesmo tempo que vê na disputa entre Hébert e os jornais dos *enragés* Jacques Roux e Teophile Leclerc pela clientela de leitores de Marat, uma forte motivação para as mudanças do *Père Duchesne*.

Outra explicação também é possível. Como lembra Pierre Nicolle, Hébert foi coerente com a próprio processo revolucionário: à medida que esse se radicalizava, o *Père Duchesne* em suas idéias acompanhava essa radicalização. Pierre Nicolle (1947: 39), constatando o momento trágico pelo qual passava a Revolução, afirma



que “(...) a dura lição das coisas que exala cotidianamente dos acontecimentos pressiona febrilmente a massa em direção ao excepcional, único capaz de salvar o regime”. Para ele Hébert evolui, mas

como essa massa que sente, sofre e combate. Por que nesta massa, da qual ninguém contesta nem a espontaneidade, nem a sinceridade, o jornalista Hébert, à medida que estava preocupado em propagar sua folha ou de dirigir seu barco em direção a postos mais reluzentes que aquele de substituto, seria o único incapaz de compreender as exigências da situação?

Desejoso de igualar os *Enragés* depois de tê-los depreciado? Se Hébert fez suas as idéias de Varlet, Jacques Roux, inovadores que, odiados por Robespierre, conseguiram entretanto a simpatia de Mathiez, é que essas idéias por longo tempo desconhecidas, não tendo sido apoiadas por uma contingência exigente, receberam, no momento de sua precipitação, da imperiosa necessidade resultante de uma situação inquietante, a inelutável consagração (Nicolle 1947: 39).

Não cabe, entretanto, nenhuma dúvida em relação à natureza do papel atribuído por Mathiez a Hébert e seus companheiros. Conforme Mathiez, seu papel durante a Revolução vai a ponto de definir políticas no interior do governo revolucionário através da sua capacidade de liderar a massa *sans-culotte*.

Quanto à questão de fundo, se se poderia caracterizar as jornadas de setembro como uma *poussé* hébertista e, portanto, identificá-las como uma ação de Hébert enquanto um líder popular, e não quanto aos interesses íntimos que fizeram com que Hébert mudasse de posição, Soboul avança uma outra explicação. Este historiador afirma que a interpretação proposta por Albert Mathiez exagera “o papel do *Père Duchesne*, [ao] cristalizar sobre Hébert o movimento muito mais amplo e mais profundo que foi o *sans-culottisme*” (Soboul 1969: 43). Ou seja, Soboul vê nas jornadas do início de setembro de 1793 uma *poussée*, certamente, mas *sans-culotte*. Por outro lado, Soboul afirma também que o papel de Hébert nessas jornadas não pode ser subestimado, pois “Hébert, por seu jornal, por suas intervenções nos Jacobinos, na Comuna, precisou as palavras de ordem, sugeriu os métodos de ação” (Soboul 1969: 44). Portanto, Soboul faz a passagem contrária, contestando a condição de líder popular de Hébert, ao mesmo tempo que caracteriza sua participação

nesse momento da Revolução na condição de porta-voz popular. Essa empreitada é contraditória. Se alguém precisa as palavras de ordem, sugere métodos de ação de um grupo popular, como diz Soboul, está sendo, obviamente, muito mais que eco ou tão somente porta-voz deste grupo.

Daniel Guérin, outro historiador que alavancou os estudos dos movimentos populares durante a Revolução, viu com reservas a dimensão política de Hébert no interior do movimento popular. Apesar de seu estudo incluir Hébert e os hébertistas entre os porta-vozes do movimento popular, ele buscou diferenciá-los dos autênticos porta-vozes populares, os *Enragés*. Guérin diferenciou-os a partir de suas origens sociais, como, por exemplo, distinguindo a condição social de Hébert da de Jacques Roux e de Varlet. Assim, usa o termo “plebeus” para caracterizá-los. Estes são, segundo ele: “(...) homens saídos do povo ou próximos do povo, diferenciados deste último e tendo, por consequência, interesses particulares distintos dos seus” (Guérin 1968: 280) Esse termo teria a função de diferenciá-los tanto da burguesia jacobina quanto dos *sans-culottes*, dando-lhes uma origem social específica, motivadora de um projeto político particular.

164

Essa argumentação de Guérin não é nova. Ele, curiosamente, só estava transplantando para a crítica que fez a Hébert, a mesma argumentação de que Brissot se utilizou no momento em que brissotistas e girondinos estavam interessados em estabilizar a Revolução, para criticar Robespierre, quando este começava a apostar nas clivagens sociais que existiam no interior da Revolução e a utilizá-las para realizar o projeto contrário ao de Brissot, ou seja, radicalizar a Revolução. Brissot falará de povo e plebe “à romana”, transpondo as distinções que estes termos possuíam na sociedade da Roma Antiga para a sociedade da Revolução, onde a linha divisória passava entre os proprietários e a arraia miúda. No momento em que “a tirania foi abaixo, que o trono está dissolvido, quem é que nos ameaça de insurreição? Não é o povo, *populus*, ele se insurgiria contra si mesmo; é a plebe, *plebs*, que, pobre e desejosa de riquezas, quer tirá-las dos proprietários, seja por sedições, seja por leis que ele quer ditar aos representantes de todo o povo” (*apud* Jaume 1989: 71).

Apesar disso, Guérin não nega que os hébertistas possuíam uma proximidade com a massa popular. Sua argumentação, porém, não deixa de desprover Hébert e seus companheiros de qualquer identidade política com o movimento democrático *sans-culotte*, ao mesmo tempo que acaba por aceitar as caracterizações feitas por Michelet e outros, os quais, em última instância, aceitaram a argumentação dos robespierristas que os acusavam de estarem tentando capitanear o movimento popular apenas para terem postos no governo.

Guérin chama Jean Jaurès em seu apoio, que afirmava que a Revolução era para o hébertismo “como um ideal integralmente e como uma carreira”, o que, de resto, é o que se pode dizer de todos os revolucionários sem desonrá-los. Se, por um lado, ele não nega a função de porta-voz a Hébert, por outro não vê nesse personagem a mesma importância que tiveram Jacques Roux, Varlet e outros para o movimento político dos *bras nus*, sendo esses autênticos porta-vozes populares. Ao nosso ver, esse julgamento do hébertismo o faz ir longe demais, pois se é possível estabelecer certas diferenças sociais entre Hébert e os *sans-culottes*, coisa que Soboul contesta (cf. citação abaixo), o mesmo não se dá quando ele afirma que as origens sociais dos *Enragés* os diferenciavam dos hébertistas. Nesse ponto, ele comete um deslize, pois esses últimos não se diferenciavam das origens sociais de Hébert. Jean Varlet, Jacques Roux e Leclerc, como Hébert, originalmente integravam a pequena ou média burguesia. Hébert ainda teria a seu favor o fato de ter vivido por muitos anos em condições iguais ou piores do que os *sans-culottes*, coisa que nenhum dos *Enragés* poderia alegar em seu currículo.

Apesar dessas ressalvas sociológicas aos hébertistas, Guérin acabou tendo que admitir a importância do papel de Hébert e do grupo *cordelier* para o movimento popular, forçado que foi pelas evidências. Mesmo assim, ele encontrou um elemento para descaracterizar a penetração popular do personagem mais importante desse grupo. Segundo ele, o hébertismo não era homogêneo, possuía uma ala à direita da qual Hébert fazia parte, e uma ala à esquerda supostamente mais próxima do povo e que apoiava-se em certas seções e sociedades seccionárias, citando Vincent como um dos seus integrantes.

“O segredo da demagogia hébertista” é o título que Guérin dá à parte do capítulo que trata dos hébertistas, não escondendo o que pensa deles. Qual era o segredo da demagogia hebertista? A defesa da propriedade privada. Todavia, a defesa da propriedade privada pertencia à mentalidade da “economia de repartição”, em relação à qual Hébert não era refratário, e que era elemento comum a diversos segmentos do Terceiro Estado, tanta à média e pequena burguesia, como aos *sans-culottes*.

Já Soboul (1970: 8) apresenta o problema de forma diferente: “tanto e talvez mais que o amigo do povo de Marat, ele [o *Père Duchesne*] foi a um só tempo o eco e o guia das massas populares”. Falando das origens sociais de Hébert, as quais ele insere dentro da média burguesia artesanal, como vimos acima, Soboul opõe-se às análises de Guérin, ao afirmar que “não se deve exagerar o contraste entre Hébert e os leitores do *Père Duchesne*: por sua origens sociais, Hébert era próximo dos artesãos e dos comerciantes que constituíram os quadros da *sans-culotterie*” (Soboul 1970: 7).

Apoiando-nos no que diz Soboul, podemos dizer que não é pelos aspectos sociais de sua origem que podemos separar Hébert da massa popular e da luta que empreenderam em torno de um programa social comum. Hébert possuía uma proximidade social com a *sans-culotterie* indiscutível, senão por ter pertencido aos quadros da média burguesia, o que no ambiente social do Antigo Regime não fazia dele um estrangeiro aos hábitos e costumes daquela camada social, ao menos porque, se essa proximidade social não bastasse, os dez anos de dificuldades que passou em Paris o transformaram em um *declassé* e o fizeram vivenciar e conhecer de perto os dramas da massa popular.

De qualquer forma, a pecha de oportunista atingiu Hébert no momento em que continuando sua “evolução” atestada após a eliminação dos *Enragés*<sup>28</sup>, no inverno de 1793-94, ele tentou levar ao extremo seu programa político. Em outubro de 1793, alguns sumários do *Père Duchesne* corroboram isso claramente: “La grande joie du *Père Duchesne* de voir que la convention donne le coup de grace aux accapa-

---

<sup>28</sup> Nos números que se seguem ao mês de setembro, Hébert regularmente ataca os açambarcadores.

reurs...”<sup>29</sup> e “Sa grande joie de voir partir l’armée révolutionnaire pour aller mettre à la raison le gros fermiers qui enterrent leurs grains”<sup>30</sup>. E assim vai numa progressão contínua até o inverno de 1793-94, quando “sua evolução” chega ao paroxismo.

Aproveitando-se da crise de subsistência desse momento e não satisfeito com os resultados obtidos com as jornadas do começo de setembro de 1793 que culminaram com a instituição do máximo geral de preços no fim deste mês, ele aprofundou suas críticas a todos aqueles que produziam e comercializavam os gêneros de primeira necessidade, não poupando nem os pequenos comerciantes nem os grandes. E ligou o sucesso destes aos indulgentes e à passividade dos *endormeurs* da Convenção, os robespierristas principalmente (Mathiez 1927: 544). Nesse momento ele cavou um buraco sob seus pés. Por que radicalizar ainda mais? Mathiez responde: “os hébertistas, isso não se pode negar, se esforçaram em explorar a fome para se desembaraçar de seus adversários” (*Idem*: 313). Esta parece ser a resposta mais fácil: creditar as ações de Hébert a propósitos inconfessáveis. Mathiez faz o mesmo percurso que haviam feito Louis Blanc e Jean Jaurès, debitando à ambição o motivo que fez Hébert se mover. Gérard Walter (1946: 313) trata peculiarmente as interpretações destes historiadores, considerando-as como “ensaios de psicologia intuitiva aplicada em matéria histórica”. Podemos dizer o mesmo de Mathiez. Sem dúvida, é difícil dar uma resposta exata, pois mesmo que optássemos pela ambição, permanece inquestionável que o programa defendido então por Hébert e seus companheiros continuava no âmbito das reivindicações do movimento popular. Isso fica mais claro se atentarmos para a questão dos famosos decretos do ventoso.

É uma perspectiva ligeira como alguns historiadores interpretaram a reação do *Père Duchesne* aos decretos do ventoso. Como salienta Pierre Nicolle, há um engano ao se acusar Hébert de não ter percebido seu alcance. Para esclarecer esse ponto,

<sup>29</sup> Le Père Duchesne. Nº 292, pg. 01. [“A grande alegria do Père Duchesne de ver que a Convenção dá o golpe de misericórdia nos açambarcadores(...)”]

<sup>30</sup> Le Père Duchesne. Nº 293, pg. 01. [“Sua grande alegria de ver partir o exército revolucionário para chamar à razão os grandes fazendeiros que enterram seus grãos(...)”].

basta citarmos alguns fragmentos dos números 350 e 355 de seu panfleto. Nestes números, o panfletário se regozija com as medidas contidas nestes decretos:

La grande joie du Père Duchesne, au sujet du fameux décret qui confisque les châteaux, les palais, tous les biens des jean-foutres qui sifflent la linotte, et de voir que les viédases qui avaient la patte graissée pour demander l'ouverture des prisons ont enfin un pied de nez.<sup>31</sup>

Em seu último número ele prossegue nos mesmos termos:

la Convention vient de rendre un nouveau décret sur le *maximum* qui va tuer les accapareurs et ramener l'abondance. La loi qui confisque les biens des hommes suspects et qui ordonne leur déportation va ôter à tous les ennemis du peuple les moyens de troubler la paix et purger la République de tous les monstres.<sup>32</sup>

Além disso, os decretos do ventoso tiveram a aprovação de Hébert, “porque”, como salienta Pierre Nicolle (1947: 44), “o decreto de 8 de ventoso é uma derrota para seus inimigos, os philippotins e, notadamente Camille Desmoulins, que queria libertar os suspeitos”. Nós acrescentaríamos que, além de ser uma vitória política de Hébert frente aos indulgentes, os decretos do ventoso não deixaram de ser, de certa forma, uma coroação da pregação das teses sociais defendidas por Hébert.

Hébert aproximava-se assim de um programa político cada vez mais radical. Isso fica mais claro ainda se atentarmos para o ataque que ele lança, como dissemos acima, neste mesmo momento, sobre parte da própria *sans-culotterie*, os *marchand de carottes* (quitandeiros). A este propósito, Mathiez (1927: 543) comenta: “Inquie-

<sup>31</sup> Le Père Duchesne. Nº 350, pg. [“A grande alegria do Père Duchesne, a respeito do famoso decreto que confisca os castelos, os palácios, todos os bens dos imbecis que estão presos, e de ver que os idiotas que tinham a mão molhada para defenderem a abertura das prisões têm enfim um revide.”].

<sup>32</sup> Le Père Duchesne. Nº 355, pg. [“(…)a Convenção apresentou um novo decreto sobre o máximo [de preços] que vai matar os açambarcadores e trazer a abundância. A lei que confisca os bens dos homens suspeitos e que ordena sua deportação vai arrancar a todos os inimigos do povo os meios de perturbar a paz e purgar a República de todos os monstros.”].

tando assim o povo miúdo, ele devia apressar seu desaparecimento”. Mathiez, se contradizendo, admitia implicitamente, que nem tudo em Hébert era ambição. Pois por quê inquietar parte importante de sua clientela, se o seu desejo era cativá-la com o intuito de derrubar os *endormeurs*?

A cena final de Hébert e os seus companheiros acontece neste momento. Somada à radicalização descrita acima, o grupo *cordelier* fez um apelo à insurreição, batendo na tecla do problema da falta de víveres em Paris. É certo que o uso da expressão “insurreição” foi mais um “efeito de tribuna” (Soboul 1970: 86). Conforme Soboul, os hébertistas não pretendiam ir muito longe, à medida que tais discursos correspondiam ao discurso demagógico do *Père Duchesne*. Neste ponto, Soboul faz coro com a interpretação de Mathiez sobre esse episódio. Em seu livro clássico sobre os *sans-culottes*, de 1958, Soboul afirma que nem Hébert e nem os *cordeliers* “tinham precisado o sentido que eles entendiam dar à sua insurreição, que parecia apenas ter sido uma forma dessa demagogia habitual ao *Père Duchesne*.” Por outro lado, os motivos que estão por trás dessa tentativa política são debitados à velha ambição hébertista: “os fins da insurreição proclamada necessária pelos *Cordeliers* eram puramente políticos: em relação à penúria, não se chegava a mencionar, nem das reivindicações sociais da *sans-culotterie*. Prova que os dirigentes *cordeliers* eram motivados sobretudo pelo rancor e a ambição” (Soboul 1973: 311-2).

Jacques Guilhaumou, partindo de uma abordagem metodológica diferente e com uma linguagem mais sofisticada, conclui por essa explicação tradicional, ao comentar o discurso do *Père Duchesne* nessa época. A aparição “de novos inimigos (“as autoridades”, “os homens de toga”) [isto é, o pessoal da ditadura robespierrista] toma, neste quadro, um sentido bem particular: trata-se de invalidar um pessoal político suscetível de ser substituído com a pressão popular...”. Diferentemente, do *enragé* Jacques Roux que foi capaz “...de colocar em causa uma burocracia estabelecida pela consolidação do governo revolucionário...” (Guilhaumou 1978: 197).

A explicação sobouliana classifica a manifestação do desejo de se insurgir do grupo *cordelier* como meramente simbólica. Ela se limitaria ao discurso, à palavra de ordem, ao invés de partir para a ação. E foi a ação efetivamente o que faltou.

Não sendo capaz de envolver o movimento seccionário em seus projetos durante o mês de ventoso, o grupo *cordelier* não teve condições de reagir à ação do governo revolucionário. É possível que essa falta de ação, no tocante a Hébert, esteja ligada à incapacidade de fazer a ponte entre o porta-voz popular e o homem de ação. Qual a razão, então, para a reação violenta do governo revolucionário?

O inverno do ano II (1793-1794) foi terrível. As dificuldades de abastecimento se agravaram bastante. Filas se faziam à porta das padarias à procura de pão. Pode-se imaginar o efeito que fazia no *menu peuple* que esperava nas filas, nesses dias gelados, ouvir, aos altos brados, os vendedores do *Père Duchesne* anunciando os sumários dos números do ventoso. Citamos alguns conteúdos desses sumários recolhidos por Gérard Walter 1946: 297)<sup>33</sup> :

“La Grande Colère du Père Duchesne contre les Marchands qui se Foutent du Maximum, et qui Accaparent, comme de plus belle, toutes les Denrées; Contre les Marchands de vin qui les empoisonnent plus que jamais avec leur bougre de mélange; Contre les cordonniers qui n’ont plus de cuir pour chausser les sans-culottes, mais qui ne manquent pas de carton pour fabriquer les souliers de nos braves défenseurs. Sa Grande Joie de voir que petit à petit la vertu de sainte guilhautine nous délivrera de tous les mangeurs de chair humaine!”

É claro o ataque de Hébert à burguesia comerciante nesses sumários. Mais claro ainda é a solução que ele preconiza: “*la sainte guilhautine*”. Assim se compreende, conforme Gerard Walter (*Idem*: 297), a “...terrível, a cruel ressonância do jornal de Hébert, e se explica melhor a implacável resolução tomada a seu respeito pelo Comité de Salvação Pública.”

<sup>33</sup> [“A Grande Cólera do Père Duchesne contra os Comerciantes que não estão nem aí para o Máximo, e que açambarcam, de novo e mais ousadamente, todas as subsistências; Contra os Comerciantes de vinho que os envenenam mais que nunca com sua mistura de vinhos; Contra os sapateiros que não tem mais couro para calçar os sans-culottes, mas que não faltam deixam de ter papelão para os sapatos de nossos bravos defensores. Sua grande alegria de ver que paulatinamente a virtude da santa guilhatina nos livrará de todos os comedores de carne humana!”]



Dessa forma, diante das reais dificuldades de abastecimento de alimentos nesse momento da Revolução, cuja conseqüência política mais imediata era permitir movimentações autônomas da *sans-culotterie*, os homens do governo revolucionário, que temiam uma junção entre o discurso subversivo dos hébertistas e a insatisfação efetiva da *sans-culotterie*, optaram por radicalizar e decretaram a prisão daqueles. Assim, em março de 1794, Hébert e seus companheiros foram presos e enviados à guilhotina.

O que se deve ressaltar, apesar de tudo isso, é que, independentemente de existir ou não oportunismo e ambição por trás do discurso hébertista nesse momento da Revolução, o desaparecimento de Hébert e do grupo *cordelier* eliminou a última liderança capaz de ter uma real penetração no seio da massa *sans-culotte* e de com ela realizar uma transformação na direção da Revolução ou mesmo, o que é mais provável, ajudar a manter a Revolução no rumo assumido durante o ano II. A respeito disso Denis Richet é taxativo: “Esse processo de germinal foi decisivo, muito mais que o de Danton e de Desmoulins, a despeito das lendas. Foi o prelúdio de terrível, um regresso ao liberalismo burguês” (Richet 1989: 379-85). Em outro texto, sua famosa obra em parceria com Furet, Richet é ainda mais claro sobre as conseqüências do processo de germinal: “...com Hébert desaparece a autonomia política do movimento *sans-culotte*” (1973: 205). Se assim não fosse, qual a razão para os gritos de alegria da burguesia e a eliminação sistemática das conquistas obtidas no verão de 1793<sup>34</sup> e, sobretudo, com as jornadas de setembro (no dia 7 de germinal é suprimido o exército revolucionário; no dia 9, os comissários especializados na vigilância dos açambarcamentos são eliminados; no dia 12, a pena de morte para os açambarcadores perde a sua amplitude e só é aplicada a casos muito isolados) logo após a execução de Hébert?

---

<sup>34</sup> Analisando uma seqüência de decretos tomados pelo governo revolucionário para facilitar o comércio de exportação, Mathiez afirmava: “Todas essas decisões repetidas não teriam sido tomadas, se o Hébertismo não tivesse sido abatido. O Comitê não se teria arriscado a provocar uma insurreição dos Faubourgs” (1927: 566).

Respondendo à pergunta com a qual iniciamos essa parte do texto, podemos dizer que Hébert tinha se tornado, na altura de sua execução, uma liderança revolucionária expressiva, a ponto de ter se transformado numa real ameaça ao governo revolucionário robespierrista. Sua capacidade de representar, por meio do seu panfleto periódico, os interesses da sua clientela *sans-culotte* – ou seja, de se transformar num verdadeiro porta-voz desta última – fez dele, durante o ano II, alguém capaz de pleitear, tanto quanto os outros grandes nomes da cena revolucionária, o direito a conceber os rumos da Revolução. Como ficou claro pelo que dissemos, isto significava uma radicalização que levava a Revolução para além dos interesses mais radicais jacobinos.

### Referências Bibliográficas

- BAECQUE, Antoine de. *Les dernières heures de la princesse de Lamballe*. Paris, L'Histoire, pp.74-78, jan., 1998.
- BERTAUD, Jean Paul. *C'était dans le journal pendant la Révolution Française*. Paris, Librairie Académique Perrin, 1988.
- BRAESCH, François. *Introduction*. HÉBERT, Jacques-René. *Le Père Duchesne*. Paris, Société de l'Histoire de la Révolution Française, 1928.
- BRUNET, Charles. *Le "Père Duchesne" d'Hébert ou notice historique et bibliographique sur ce journal*. Paris, Librairie de France, 1858.
- D'ESTRÉE, Paul. *Le Père Duchesne, Hébert et la commune de Paris 1792-1794*. Paris, Librairie Ambert, 1912.
- DUVAL, Louis. *Hébert chez lui*. Paris, Charavay Frères-éditeurs, (Révolution française-revue historique t. XII), 1887.
- ELYADE, Ouzi. *Presse populaire et feuilles volantes de la Révolution à Paris, 1789-1792*. Paris, Société des Études Robespierristes, 1991.
- FURET, François e RICHET, Denis. *La Révolution Française*. Paris, Hachette, 1973.
- GODECHOT, Jacques. *La presse française sous la Révolution et l'Empire*. In: GUIRAL, Pierre. (dir.) *Histoire générale de la presse française*. Paris, PUF, 1969. T. I.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Francesa: cronologia comentada, 1789-1799*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989. Verbete Hébert. Pg. 340.

- GUÉRIN, Daniel. *La lutte de classes sous la Première République. (1793-1797)*. Paris, Gallimard, 1968. CONEIN, Bernard. *La position du porte-parole sous la Révolution Française*. Paris, Peuple et Pouvoir, pg.153-164, 1981.
- GUILHAUMOU, Jacques. *Les mille langues du Père Duchesne: la parade de la culture populaire pendant la Révolution*. Paris, Dix-huitième Siècle, pp. 143-154, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Les milles langues du Père Duchesne: la parade de la culture populaire pendant la Révolution*. Paris, Dix-Huitième Siècle, pp. 143-154, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Idéologies, discours et conjuncture. L'exemple des discours révolutionnaires (1792-1794). Étude comparative, en analyse de discours, du "Père Duchesne" d'Hébert et du Publiciste de la République Française" de Jacques Roux (Juillet-Novembre 1793)*. Aix-en Provence, Université d'Aix-en Provence, 1978.
- HÉBERT, Jacques-René. *Le Père Duchesne (1790-1794)*. Paris, EDHIS, 1969. 10 vol.
- \_\_\_\_\_. *Le Père Duchesne*. Paris, Société de l'Histoire de la Révolution Française, 1938. Edição crítica organizada por François Braesch.
- HOBSBAWN, Erich J. *Ecoss da marsehesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- JACOB, Louis. *Hébert, le Père Duchesne, chef des sans-culottes*. Paris, Gallimard, 1960.
- JAUME, Lucien. *Le discours jacobin et la démocratie*. Paris, Fayard, 1989.
- LEFEBVRE, Georges. *A Revolução Francesa*. São Paulo, IBRASA, 1966.
- MANCERON, Claude. *Hébert*. In: VOVELLE, Michel. (Dir). *L'état de la France pendant la Révolution (1789-1799)*. Paris, Editions la Découverte, 1988.
- MATER, André. *J.-R. Hébert, l'auteur du Père Duchesne avant la journée du 10 août 1792*. Gorges, Soumord-Berneau Librairie, 1888. (Mémoires de la Société historique, littéraire, artistique et scientifique du Cher), 4 série. T. IV.
- MATHIEZ, Albert. *La vie chère et le mouvement social sous la Terreur*. Paris, Payot, 1927.
- \_\_\_\_\_. *La Révolution Française*. Paris, Armand Colin, 1987.
- MICHELET, Jules. *Histoire de la Révolution Française*. Paris, Gallimard, 1952.
- NICOLLE, Pierre. *Épuration et ravitaillement en l'an II - les idées sociales d'hébert, le Père Duchesne*. Paris, Le Revue Socialiste, pp. 31-45, 1947.
- RICHET, Denis. *Hébert*. In: FURET, François e OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- SAINT-JUST, Louis Antoine de. *Discours et Rapports*. Paris, Éditions Sociales, 1957.

- SOBOUL, Albert. *Introduction*. In: HÉBERT, Jacques-René. *Le Père Duchesne (1790-1794)*. Paris, Éditions d'Histoire Sociale, 1970.
- . *Les sans-culottes parisiens en l'an II: mouvement populaire et gouvernement révolutionnaire (1793-1794)*. Paris, Éditions de Seuil, 1968.
- . *Mouvement populaire et gouvernement révolutionnaire en l'an II (1793-1794)*. Paris, Flammarion, 1973.
- TRIDON, Gustave. *Les hébertistes. Plainte contre une colomnie de l'histoire*. Paris, Chez l'Auteur, 1864.
- WALTER, Gérard. *Hébert et le Père Duchesne*. Paris, J.-B. Janin, 1946.
- . *Table analytique*. In: MICHELET, Jules. *Histoire de la Révolution Française*. Paris, Gallimard, 1952.